

*Discurso na cerimônia de
assinatura dos atos do pólo gás-químico
do Estado do Rio de Janeiro*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 25 DE JANEIRO DE 2000

Senhor Ministro das Minas e Energia, Doutor Rodolpho Tourinho; Senhor Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Alcides Tápias; Senhor Governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho; Senhores Coordenadores das ações federais no Rio de Janeiro, Raphael de Almeida Magalhães e Eliezer Batista; Senhores Senadores; Deputados; Líderes; Senhores Prefeitos, tão numerosos, aqui; Empresárias; Empresários; Senhoras e Senhores,

Há pouco me recordava o Governador Garotinho que o esforço para a concretização desse empreendimento já dura 14 anos. Passou por muitos governadores, como o Governador Moreira Franco, muitos presidentes, do tempo do Presidente Sarney. E nós, agora, estamos começando a concretizá-lo.

Isso não me espanta. Há pouco tempo assinei um acordo, e hoje, ele é uma realidade – alguns dos senhores, representantes da Petrobras estavam, também, nesse acordo –, que era a questão do gasoduto Brasil–Bolívia. Esse gasoduto foi um sonho de quase 50 anos e, hoje, é realidade. Hoje, já se começa a discutir, quem sabe,

um segundo gasoduto. Não estou me comprometendo. Nem sei de estudos, só vi pelos jornais.

Mas o fato é que estamos criando condições para, efetivamente, o Brasil retomar aquele caminho que, espero, seja luminoso para o povo brasileiro, que foi aqui descrito pelo Doutor Raphael de Almeida Magalhães. E que possamos, efetivamente, sobre uma base sólida de estabilidade econômica, a qual é indiscutível e que não será, de nenhuma maneira, postergada nem afastada, construir o que se deseja: um país mais próspero e que permita ao seu povo ser mais feliz. Sem emprego, sem saúde, sem educação, etc., é impossível que haja essa felicidade.

Estamos empenhados nessa matéria. E, com relação ao Rio de Janeiro, não apenas a questão do gás químico é simbólica. O Governador Garotinho teve a gentileza e a generosidade de mencionar alguns dos esforços que o nosso governo vem fazendo para que o Rio retomasse, como retomou, esse caminho de um crescimento mais sustentado.

Na verdade, olho o prefeito de Itaguaí e me lembro de Sepetiba. De vez em quando, eu sobrevôo, quando não “sobrenado” – se é que é possível – o porto de Sepetiba e vejo que já é uma realidade. Uma realidade que foi sonho até muito pouco tempo. Quantas vezes discutimos essa questão aqui, neste Palácio. É claro que ainda falta muito do retroporto, que ainda falta muita coisa a ser feita, para que Sepetiba e Itaguaí possam, realmente, vir a ser consideradas um *hub*, quer dizer, um porto capaz de fazer o transbordo dos navios de grande calado, com uma enorme quantidade de contêineres. Estamos indo neste rumo, lá no Porto de Sepetiba.

Não é só isso. Na área do Rio de Janeiro, nos empenhamos fortemente, também, para que houvesse um Pólo Metal-Mecânico. E, hoje, quem visitar a área de Resende e as cidades próximas vai verificar que já existe, aí, realmente, um Pólo Metal-Mecânico. Para não falar de fábricas de vidro, de fábricas de medicamentos, que foram sendo instaladas no Rio de Janeiro. Estamos vendo muitas modificações importantes, na questão das comunicações para que tenhamos, de fato, o Rio como um centro nervoso de transmissão de dados e de

informações e de recepção da mesma natureza, de matéria que é fundamental, hoje, para que possamos ter capacidade de participar do mundo interligado, como é o nosso mundo de hoje.

O Rio de Janeiro, efetivamente, se tem transformado. E, nessa transformação, não podemos esquecer nunca o papel preponderante que tem tido a Petrobras, tão bem dirigida, hoje, pelo Doutor Philippe Reichstul, a quem cumprimento pela maneira franca e corajosa com que assumiu a responsabilidade por esse desastre ecológico, que nós vamos enfrentar com firmeza, também, para não apenas restabelecer as condições do meio ambiente como para, também, assegurar que não se repitam acidentes dessa natureza.

De modo que a Petrobras, também no Rio de Janeiro, tem feito um esforço enorme. E Deus, não sei se é brasileiro ou carioca, mas o fato é que mais e mais petróleo se descobre naquela área, o que faz com que as burras do Governador, senão hoje, no futuro, vão estar cheias de recursos para pagar as aposentadorias que precisam ser honradas no futuro através dos *royalties* que estão vindo da Petrobras e que também estão beneficiando os municípios que estão afetados pela exploração do petróleo.

O fato é que, com a dinâmica que está lançada, hoje, na questão da indústria petrolífera, no Rio de Janeiro, a existência desse Pólo Metal-Mecânico que vai se expandir, com a teia de comunicações que lá está sendo desenvolvida, com a presença de novos portos, ao lado da modernização do porto do Rio de Janeiro, e, agora, com o Pólo Gás-Químico do Rio de Janeiro, com investimento de quase um bilhão de dólares, que vai mobilizar mão-de-obra, que vai, depois, permitir melhorar a nossa competitividade nessa área tão sensível da nossa indústria petroquímica, estamos, realmente, fazendo com que o Rio possa voltar a ser o que sempre foi: um dinamo, junto com São Paulo, com Minas, com a Bahia, com o Espírito Santo, com o Paraná, com o Rio Grande do Sul, porque, hoje, se espalhou muito, com Santa Catarina, com Pernambuco, com o Ceará. Hoje, se espalhou muito todo esse impulso de desenvolvimento novo no Brasil.

Só um parêntese: nessa semana que passou, fui ao Ceará e sobrevoei o porto de Pecém, que também era uma discussão abstrata, aqui, no início do governo. Hoje, já está lá o porto novo, para não esquecer do porto – senão, tenho problema com Pernambuco – de Suape. Fui lá para assistir à entrada em um daqueles berços do primeiro navio que aportou em Suape.

Mas, com todo esse novo elã que se está procurando montar no Brasil, o Rio de Janeiro, certamente, retomou a sua condição não só de Cidade Maravilhosa, mas cidade onde se trabalha, onde há crescimento econômico, onde a prosperidade começa a ser, de novo, não apenas uma visão utópica, mas uma realidade que se está alcançando.

E pode estar certo o Governador, no repto que me lançou de apoiar a questão da indústria naval, que vamos apoiar essa indústria, porque ela é necessária para o Rio de Janeiro. O nosso Ministro Alcides Tápias, creio que ontem esteve no Rio de Janeiro, discutindo essa questão, verificando o que podemos fazer com recursos que foram, no ano passado, previstos para o BNDES, que é outro dos pólos fundamentais, dos eixos fundamentais de apoio ao crescimento do Rio de Janeiro e do resto do Brasil, para que, novamente com o apoio do BNDES, possamos revitalizar o Fundo da Marinha Mercante em novas bases. E essas novas bases foram aqui já também sublinhadas. Quero apenas reiterar: trata-se de apoiar, mas não de subsidiar, não de apoiar atividades que não tenham condições de caminhar com as próprias pernas. Simplesmente, eventualmente, como é o caso, agora, desse empreendimento, em que tanto a Petrobras quanto o BNDES entram com uma sexta parte daquilo que vai ser o capital efetivamente colocado dos 40%, visto que 60% serão financiados. Mas apenas uma sexta parte e, certamente, com essa tarefa que o BNDES tem, através do BNDESPar, que é de semear, mas não de se manter ali, depois que a planta amadurece, para que ele possa atuar em outras áreas.

É com esse propósito, e não com o propósito da co-participação estatal privada, que precisamos dinamizar mais e mais a nossa economia. E é preciso, portanto, que o BNDES possa dispor de recursos

para acionar outras obras. É com esse espírito que estamos apoiando. E apoiaremos também a questão da construção naval, dos estaleiros no Rio de Janeiro, sabedores que somos da importância que tem essa indústria, não apenas como uma tradição mercante do Rio de Janeiro, mas também pelo fato de que é uma indústria que, realmente, consome muita mão-de-obra também, o que é alguma coisa, hoje em dia, fundamental, quando se sabe que o desenvolvimento é cada vez mais de base tecnológica e tem-se que dar muita importância àquelas atividades que são capazes de absorver mão-de-obra.

Houve época em que se discutiu a localização do Pólo Gás-Químico. Hoje, o Prefeito está aqui. Ficaré feliz porque sabe que vai ser mesmo em Duque de Caxias, que é o local adequado para a construção desse tipo de empreendimento.

De toda forma, queria apenas felicitar, e felicitar agora, os empresários que se juntaram – e olhem que empresário se juntar já é uma tarefa difícil – para que fosse possível a concretização desse empreendimento. E essa cooperação dos empresários entre si, do Governo Federal com os empresários, do Governo Federal com o governo estadual, do governo estadual com o governo municipal, de todos nós juntos, é que permite uma visão mais solidária do desenvolvimento do Brasil. Isso cria as condições políticas de se ver que aqui há gente que tem capacidade de se entender e de definir projetos e transformar esses projetos de sonho em realidade.

Não pode haver lugar melhor, no Brasil, para sonhar, do que o Rio de Janeiro. Mas quando a gente abre os olhos e vê que o sonho é realidade, fica-se mais feliz ainda.

Por essas razões, estou muito feliz hoje. E por ter podido contar com todos vocês aqui. Com o apoio do Doutor Raphael e do Doutor Eliezer Batista, do Governador, do Prefeito, dos Empresários, dos que nós não sabemos nominar, da Petrobras, do BNDES, certamente dos projetistas, dos novos que vêm aqui para firmar acordos para a construção dessa empresa. Enfim, mostrando que existe um espírito decidido, no Brasil, de uma retomada do crescimento com o pé firme na realidade e com a convicção de que crescimento sustentado é só o cres-

cimento que está baseado numa moeda que se faça respeitar e numa situação de governo que tenha a responsabilidade de entender que a moeda é básica e que não se fará nada que provoque um desarranjo inflacionário no país, mas que se fará tudo que provoque um crescimento contínuo do nosso país.

Muitíssimo obrigado.